

Cadeias sem fio: a crise do sujeito e “ordo amoris” na cultura digital¹

Wireless chains: the crisis of the subject and "ordo amoris" in digital culture

Cadenas inalámbricas: la crisis del sujeto y "ordo amoris" en la cultura digital

Vincenzo Susca²

Resumo

Susca considera, neste artigo, que a partilha nesse meio efêmero que são as redes sociais estabelece um vínculo afetivo entre os membros da tribo, da própria rede ou da comunidade no geral. E que essa união carrega, como uma de suas características, uma intensa carga emocional. A relação, a partir desse momento, não se origina mais do com-partilhamento de princípios só abstratos ou só das instâncias racionais, mas é delineada por meio de uma comunhão de destino que são os múltiplos fragmentos superficiais. Assim, estabelece-se uma relação virtuosa de consequências na qual a reversibilidade entre natureza e cultura é atuante, nessa dialética complexa entre órgãos biológicos e instrumentos tecnológicos.

Palavras-chave: Comunicação. Meios eletrônicos. Marshall McLuhan. Imaginário.

Abstract

Susca considers in this article that sharing in this ephemeral environment which are social networks establish an affective bond between the members of the tribe, the network itself or the community in general. And that this union carries, as one of its characteristics, an intense emotional charge. The relation, from that moment on, does not originate more from the sharing of only abstract principles or only from rational instances, but is delineated through a communion of destiny which are the multiple surface fragments. Thus, a virtuous relationship of consequences is established in which the reversibility between nature and culture is active, in this complex dialectic between biological organs and technological instruments.

Keywords: Communication. Media. Marshall McLuhan. Imaginary.

Resumen

Susca considera, en este artículo, que el compartir en ese medio efímero que son las redes sociales establece un vínculo afectivo entre los miembros de la tribu, de la propia red o de la comunidad en general. Y que esa unión carga, como una de sus características, una intensa carga emocional. La relación, a partir de ese momento, no se origina más del con-compartir de principios sólo abstractos o sólo de las instancias racionales, sino que es delineada por medio de una comunión de destino que son los múltiples fragmentos superficiales. Así, se establece una relación virtuosa de consecuencias en la cual la reversibilidad entre naturaleza y cultura es actuante, en esa dialéctica compleja entre órganos biológicos e instrumentos tecnológicos.

Palabras clave: Comunicación. Medios de comunicación. Marshall McLuhan. Imaginario.

¹ Tradução do italiano por Eduardo Portanova Barros (Professor visitante do PPGCOM/FIC/UFG)

² Professor de Sociologia da Imaginação na Universidade Paul-Valéry de Montpellier, França. e-mail: vincenzo.susca@gmail.com.

*La présence d'Autrui – hétéronomie privilégiée – ne heurte pas la liberté, mais
l'investit.*

Ce n'est pas moi – c'est l'Autre, qui peut dire oui.

Emmanuel Levinas, *Totalité et infini*, 1971

1 A TÍTULO DE INTRODUÇÃO

Uma história de efeitos perversos. A bem dizer, os jorros ardentes da cultura contemporânea, com especial referência às hordas carnavalescas celebradas na conjunção entre o corpo social, a técnica e o imaginário fantástico, invadem o cenário social, político, econômico e ético das substâncias idiossincráticas em relação às causas e às intenções que as originaram. Estamos na presença de um Frankenstein do mundo, onde a criatura, o “monstro”, violentamente viola a independência de seu incauto criador, por um lado revelando a ideologia totalitária à sombra de sua falsa consciência; por outro lado, a existência e a legitimidade social.

O enxame selvagem desse assunto, inicialmente anônimo e indistinto, surgiu e foi bem recebido pelo advento da paisagem metropolitana (ABRUZZESE, 2011), primeiramente rubricada com o epíteto de “massa”, então tornada pública, e, depois, transfigurada em cultura de rua, redes e tribos eletrônicas de várias naturezas. É o epifenômeno de uma majestosa distorção, lúdica e violenta, mística e mágica, dos paradigmas em que se fundaram as diferentes declinações do progressivismo e do racionalismo modernos. A inundação da “parte do diabo” (BATAILLE, 2003) não mais como uma experiência parentética da experiência coletiva, mas como o coração pulsante da socialização na gestação. Um trauma e uma revolta. O êxtase que encobre o desempenho de tal sensibilidade escapou, como um canhão solto, ao controle dos poderes e conhecimentos responsáveis, na forma de consumo excessivo, de comportamentos ameaçadores à vida, de erotismo generalizado. Sabotagem do sistema baseado no trabalho, na razão e na dimensão do *design* da história e da existência. É o equivalente a um transe generalizado a partir do qual, como contam as histórias de bruxas e bruxos, toca e desafia o divino com base em uma instância pagã.

Torne-se sagrado do profano. Reversões. Violência. Prazeres. Não há prática “tecnomágica” atual que não esteja impregnada com a sinergia alquímica entre o trauma da destruição e o prazer da distração. O rito impõe um sacrifício. A carne desperdiçada é a substância dissipada para celebrar a nova carne tecnossocietal, um corpo embriagado no qual a técnica, o divino, o estético e o social se fundem numa fricção efervescente. No auge de seu prodígio, a técnica sempre assume uma ressonância mágica com características

surpreendentes, tremendas ou uma maravilha desconcertante. Seu apogeu é constantemente acompanhado pelo cheiro de obsolescência, pela sugestão de uma superação, pela ferida de uma lágrima. No que diz respeito ao nosso presente, a humanidade transborda em uma corporeidade fora de sua própria estrutura biológica e social - a carne eletrônica – enquanto e ao mesmo tempo experimenta o limite de sua condição e seu possível excesso, para exercer as faculdades próprias do divino.

A mitologia, em seus arquétipos e nos estereótipos em que se atualiza, testemunha-a com cadência pontual, enquanto o corpo coletivo continuamente metaboliza seus traços nos enredos da vida cotidiana: o místico, o estético e o sensual impregnam toda técnica, relativizando sua dimensão lógica e funcional. Do fogo ao *I-pad*, passando pela roda e pela ferrovia, o propósito para o qual todo dispositivo tecnológico é inventado e integrado. Ou borrado, na ressonância mágica, onírica e tátil que envolve, transcendendo-o, o objeto em si, no contexto de seu corpo para corpo com o sentimento coletivo. Percorrendo a história, no entanto, podemos encontrar uma alternância cíclica do espírito preeminente no sistema de objetos, identificando uma variação entre dispositivos e tempos nos quais uma essência instrumental prevalece - isto é, a capacidade de intensificar a ação humana no mundo, o domínio da natureza e da ação instrumental -, e outros em que se destaca a trindade de valores estéticos, religiosos e mágicos: beleza mais que utilidade, comunhão em vez de contrato, vibração extática e não interesse. No primeiro caso, a mobilização social em torno do *gadget turn-out* tenderá a atingir um objetivo - progresso, riqueza, conquista... -, enquanto, no segundo, é um fim em si mesmo: a técnica é apenas a malha aqui, o cadinho onde o social toma forma e “acontece”.

2 MÉTODOS MINÚSCULOS: FOUCAULT E A MICROFÍSICA

No alvorecer do terceiro milênio, ele se manifesta como a plataforma para afiar e socializar as táticas enraizadas da astúcia popular, todos aqueles métodos minúsculos e microfísicos (FOUCAULT, 1977), através dos quais as pessoas sempre se defenderam do olhar agressivo e pedante do poder. A passagem à qual assistimos assume os traços de uma verdadeira mutação antropológica, na qual o que antes era expresso em termos de “resistência” traduz-se hoje em “recreação”, tanto no sentido de reagrupar e recombina elementos já presentes em direção a novas formas, quanto como distração, diversão, evasão. A socialidade eletrônica, figura emblemática, apropriação coletiva e conectiva da técnica,

experimental, portanto, uma relação com os sujeitos e os objetos fortes que a cercam. Desse modo, não é mais baseada num esquema dialético, segundo o qual o próprio trabalho estético e identitário corresponde à negação do interlocutor, seja do poder ou da indústria cultural, mas de um princípio de autonomia temporária e pós-situacionista, gerando uma espécie de “comunicrazia” (SUSCA, 2018) a partir da qual celebra a comunhão de uma comunidade em torno de uma comunicação, em uma vibração, na lei incorporada de um grupo de ambos os lados da política.

Assim, a tecnologia deixa de ser a arte do “logos”, isto é, a ferramenta da lógica, para se referir à “tecnomagia” (SUSCA, 2010), um totem em torno do qual as tribos contemporâneas experimentam o êxtase místico, que é ao mesmo tempo pura vibração. Para o corpo da comunidade, trata-se de escapar do ego para aquilo que o precede e excede. Nesse contexto, o humano torna-se uma coisa, sonha a coisa, desfruta em se tornar algo exatamente na medida em que essa transmutação mina o peso do Eu para dissolver-se no Outro e se encontrar no Outro. O vínculo que surge dessa condição não se apóia mais em um contrato racional e abstrato - o “contrato social” -, mas em um pacto no qual emoções, afetos e símbolos compartilhados surgem como as novas matrizes do estar-junto, como as novas condições para cada fusão, confusão e transbordamento coletivo. Aqui há uma sensibilidade cultural em que o equilíbrio consolidado entre razão e sentidos é invertido em favor do segundo elemento, inferindo um golpe letal no paradigma do pensamento racional-abstrato que constituiu a válvula da modernidade ocidental (ADORNO; HORKHEIMER, 1996).

A experiência que se desenvolve gradualmente dentro da cultura digital revela, de fato, o advento de uma sensibilidade que inaugura uma sinergia desconhecida entre a mente e os sentidos, bem como entre a ação racional e o pensamento mágico. Adoração dos vários fetiches tecnológicos e simbólicos que sustentam o cenário cultural contemporâneo implicam um alto grau de êxtase e encantamento da pessoa, mas, ao mesmo tempo, traz consigo uma consciência dotada de uma memória e conhecimento refinados. A rede segue então a mudança da opinião pública, de uma forma racional e abstrata, para a emoção pública, onde a inteligência se torna sensível, integrando no quadro mental o fardo negligenciado imaginário, sagrado e afetivo, senão banido de grande parte da cultura moderna. Isso nos leva a escolher e pensar com nossos sentidos, mesmo antes disso, através de um raciocínio abstrato, como fazemos inconscientemente no momento de nos apaixonarmos ou quando nos aventuramos em uma ação animada por um sentimento favorável, por uma intuição inefável.

3 “ERA ELTRÔNICA: HUMANIDADE COMO NOSSA PELE”

Marshall McLuhan foi o primeiro a antecipar, ao mesmo tempo em que usava outro vocabulário, as ressonâncias tecnomagnéticas de nossas sociedades, ao mesmo tempo em que dizia que “em nossa era eletrônica, vestimos toda a humanidade como nossa pele” (1997). Nosso tecido é, na verdade, a superfície, o protagonista inconsciente de um processo duplo que, embora pareça invisível - e precisamente porque não podemos vê-lo, muito menos compreendê-lo -, tem efeitos perturbadores nas parcelas do processo da nossa cultura, partindo da esfera do conhecimento até a relação com o poder, passando pelas relações interpessoais. Se considerarmos o nosso corpo como objeto de uma experimentação técnica impetuosa e abrangente, como um sujeito que se torna ativa e passivamente uma bacia técnica absorvente, a condição cultural contemporânea expressa a digestão e a solução (no sentido de resolver, mas também de dissolver, liquidar, do trauma induzido pela explosão da bomba atômica no psicossensorial global).

Este acontecimento, a realização e a distorção da história moderna e da sua metafísica, lançaram o humanismo no abismo da sua contradição ontológica: a marcha triunfal do ser humano, imposta como centro do universo através da manipulação da matéria e da redução do outro para si mesmo, seu ímpeto na procissão de extensões tecnológicas de tempos em tempos mais exorbitantes do que sua própria natureza (BAUDRILLARD, 2006), levou não apenas e não tanto à devastação do mundo, mas à aniquilação dos humanos. As condições pós-atômicas e pós-apocalípticas em que vivemos, os alegres apocalipses de nossa existência, demonstram uma digestão social da natureza fatal consubstancial ao desenvolvimento tecnocientífico do moderno, experimentado na sábia aceitação da panóplia técnica dentro de uma festividade generalizada que transmuta, distorce e engolfa o mundo, e das armas no jogo da existência - da destruição à distração; do atômico à teia e aos outros cultos tecnotécnicos. Efeito perverso do efeito perverso.

Este talvez seja o talento mais encantador do mundo tecnomágico do qual somos todos vítimas e mestres: integrar a morte nos sobressaltos de um vitalismo sem prazer da obsolescência humana (ANDERS, 2003). A cultura eletrônica, a idolatria da moda, o fetichismo dos objetos e todos os outros cultos em que o ego se perde em algo maior do que ele e do que o Eu equivalem talvez à homeopatia lúdica da morte. Em uma inspeção mais próxima, é isso que acontece de maneira cada vez mais incipiente em nossa vida cotidiana, isto é, na mediação de nossa existência. Olhar na tela, suspenso entre o feitiço e a

participação. Uma trama invisível nos envolve com o dispositivo comunicativo, nos lançando nos braços do outro. Alterações técnicas, geoculturais, psicológicas, algorítmicas... Tornamo-nos parte da matriz enquanto a absorvemos em nossa consciência e, com dispositivos portáteis, microtecnologias e computadores vestíveis, deixamos que ela penetre em nosso corpo.

Ouvindo, em constante alerta, no exercício de perceber que o sinal do telefone tocando sinaliza que alguém de fora nos incita e chama a nossa atenção. No bolso do jeans, com uma vibração nas bordas da nossa pele ou através do toque escolhido, o outro está em nós e bate na nossa porta, no interior da nossa pessoa. O duplo clipe cinza das mensagens do WhatsApp nos provoca a ser peremptoriamente intimados para responder à atenção de outras pessoas, como acontece no Messenger, onde as comunicações, que ainda não chamam atenção para nós, aparecem em negrito até que as tenhamos lido. Contra a separação e autonomia a que o indivíduo moderno se acostumou, o ambiente comunicativo contemporâneo exige que estejamos uns com os outros: sem uma solução de continuidade.

Os aparelhos comunicativos atravessam os limiares de nosso corpo e nos projetam em uma condição de experiência onde, através de técnicas sem fio, estamos constantemente conectados às nossas redes sociais, seus estímulos e torrentes de símbolos, emoções e informações que emanam e dos quais não somos mais que um nó. Nós nos colocamos como uma pequena parte de um todo medido nos cânones da eletricidade (rápido, transparente, potencialmente onipresente, líquido). Digitamos rios de textos, *chats*, *emoticons*, *Gifs*, memes para atualizar nossa presença dentro das comunidades que cruzamos e as relações nas quais investimos. De maneira compulsiva, cedemos ao grupo todos os detalhes mais ou menos ordinários de nossa vida cotidiana: onde estamos, o que estamos fazendo, quem temos visto. A narração detalhada da experiência pessoal, espalhada pela mobilidade através do Twitter, Telegrama ou Happn, socializa cada movimento do nosso dia, dando-lhe um *metavalore*, uma segunda dimensão onde a sua natureza assume um perfil conectivo com forte marca estética. Imortalizando ao escrever um gesto anódino e passageiro, é de fato elevado ao status de conteúdo digno de ser gravado no tempo e no espaço.

4 O ESPÍRITO HEDONISTA DA CONEXÃO EM REDE

Através dessa dinâmica, o banal é transfigurado em uma espécie de poesia com muitos versos e pontuação, onde o que conta é mais o relacionamento social em jogo do que sua

causa desencadeante. Trata-se de uma forma de antropometria que, ao contrário das performances encenadas por Yves Klein, não contém propósitos artísticos, assegurando o culto da conexão em que o ser contemporâneo (SUSCA, 2016) é redesenhado, segundo um espírito puramente hedonista. Podemos, portanto, vislumbrar as impressões digitais deixadas pelos Tweets, o compartilhamento da posição e outras geolocalizações, como muitas escrituras eletrônicas do corpo, evidência de sua flutuação, gesto pelo qual cada pessoa converge em um órgão maior do Eu e onde cada indivíduo participa com a multidão de todos os outros, integrando e influenciando a dança.

A partilha desse efêmero estabelece um vínculo afetivo entre os membros da tribo, da rede ou da comunidade, união com intensa carga emocional. A relação não se origina mais do compartilhamento de princípios abstratos ou instâncias racionais, mas é delineada em virtude da comunhão de um destino, que é composto de múltiplos fragmentos superficiais, ou melhor, o próprio nada que in-forma o ser-aí. É sempre a poeira, de fato, para substanciar a profundidade da terra.

A mediação transparente das tecnologias digitais *always* remove e mescla a matriz humana de uma nova maneira, rearranjando sua estrutura sensorial e sua relação com a outra do *self* social e natural. A mão, e com ela todo o corpo, por sua vez, refina, dia a dia, nossa relação com o sistema tecnológico, cada vez mais calibrado em nossa sensorialidade, voltado para os prazeres e sensações carnavais (sexo, drogas, êxtase musical). Assim, estabelece-se uma relação virtuosa e viciosa entre os dois, uma estreita conjunção de consequências na qual a reversibilidade entre natureza e cultura está em operação, entre órgãos biológicos e instrumentos tecnológicos.

As páginas pessoais do Facebook, atravessadas incessantemente por “amigos”, são carregadas por elas, principalmente sem o conhecimento dos donos dos perfis, fotos de sua infância ou imagens consideradas privadas ou esquecidas. A escrita integra o processo, tornando-se no sentido mais completo do termo uma gravura na pele do outro. Pouco importa se é a pele digital: nossa identidade eletrônica nos precede e nos excede. Adquirir uma autonomia (SUSCA, 2010). O que lhe pertence depende mais do modo como os outros o desenham e traçam seus contornos do que da maneira pela qual o processamos e consertamos. Estamos na rede mesmo antes de sabermos. Falamos de nós mesmos em lugares que nunca imaginamos e fazemos do nosso perfil ou avatar algo que tenha pouco a ver com nossa identidade original e com o que queremos fazer conosco.

5 TRANSIÇÃO: ERAS ANALÓGICA E DIGITAL

Saímos da televisão e da era analógica para a era reticular e digital. A transição não envolve simplesmente uma mudança de equipamento e formas de comunicação (ABRUZZESE, 2010). Em vez disso, experimentamos uma profunda mutação que reverbera em nosso modo de viver, de nos relacionarmos com o outro, de conceber o tempo e o espaço e de definir nossa personalidade. O corpo é o laboratório no qual essa rotação é incorporada e toma forma. Cada uma de suas reações psicofísicas ao novo ambiente é o índice de uma mudança, de uma mudança de estado, muito semelhante ao que acontece no intervalo entre duas eras geológicas. Naturalmente, isso é conseguido de maneira mais espontânea para as gerações de nativos digitais, para os quais as redes sociais, *tags* e *chats* são elementos naturais do ambiente, enquanto, em vez disso, às vezes causa desconforto, ansiedade e frustração para aqueles que foram criados no contexto caracterizado pela cultura televisiva.

O novo cenário, desarmando-nos da cadeira a partir da qual tendemos a nos distrair quando o fluxo televisivo se desdobra, confronta-nos com desafios cognitivos e comportamentais que enfatizam os nossos limites mentais e sensoriais, mergulhando-nos num mundo cheio de charme e de inquietação.

Paisagens contemporâneas e ferramentas de comunicação aceleram a implosão da fronteira entre o espaço público e o espaço privado que existe há algum tempo em nossas sociedades. Os sistemas de conexão sempre ativos, para melhor ou para pior, nos privam da condição de solidão e isolamento, já que o outro está sempre virtualmente presente para eles. É como se fôssemos constantemente camuflados por uma nebulosa de contatos, informações e símbolos, por uma aura eletrônica capaz de integrar, aumentar, explodir, nossa identidade pessoal. Estamos sempre com alguém, mas nunca completamente. Há regularmente uma parte de nós que, devido a um dispositivo tecnológico, escapa do lugar e do contexto físico onde está, iludindo o relacionamento face a face em que está envolvido e pulando de um relacionamento para outro, como numa linha de bate-papo. Por outro lado, a dificuldade em se concentrar totalmente em uma atividade ou relacionamento também ecoa dentro do paradigma mental endossado por dispositivos portáteis conectados e multifuncionais.

A mesma tela se torna o lugar onde a vida profissional é exercida, o ângulo da distração, a plataforma para compartilhar uma paixão com uma rede social, a janela do videogame, a janela do YouTube. Cada uma dessas dimensões atrai uma máscara da personalidade, exortando os sujeitos sociais a investir e a concretizar todas as suas facetas e identidades. O processo nem sempre acontece de maneira fluida, já que em alguns casos os

múltiplos perfis que residem em cada um de nós estão em contraste entre si e, uma vez ativados ao mesmo tempo, podem gerar estados esquizofrênicos.

6 O TEMPO LIMITADO E ILIMITADO

O modo como a identidade foi forjada no curso da modernidade, de acordo com uma tendência basicamente monolítica e duradoura, entra em atrito com a atual experimentação - através de jogos de papéis, avatares pertencentes a diferentes comunidades -, caráter caleidoscópico da pessoa ou com o declínio do indivíduo burguês. Como é possível que aqueles que até dez anos atrás estavam acostumados a realizar uma única função dentro de uma estrutura de experiência limitada no espaço e no tempo escrevam seu próprio relatório de trabalho, sigam um clipe de vídeo, movam seu avatar para um jogo virtual e façam *upload* de uma foto para o Instagram ao mesmo tempo, sem dar nos nervos?

Na realidade, estes últimos não se perdem, mas são gradualmente reconfigurados, integrando e metabolizando, dependendo da situação, os traumas provocados pela mudança. Nessa dinâmica de adaptação emergem estados de desconforto, sintomas de desorientação e formas de dependência, bem como de prazer e êxtase, que atestam a profundidade antropológica e cultural da qual somos protagonistas, em sua maioria, inconscientes. A relação com as novas mídias em questão, aqui, não é, na verdade, caracterizada por uma relação utilitária ou meramente racional, mas antes em um vínculo emocional, no qual a adesão mística e sensível é mais decisiva do que as alavancas funcionais e cognitivas sobre as quais a tecnologia há muito tempo está centrada.

Essa condição pode ser melhor ilustrada por algumas indicações significativas das quais todos somos testemunhas: verificamos o e-mail de maneira espasmódica e excessiva, a fim de estar à altura da situação e não interromper qualquer relação de comunicação. Nós navegamos ininterruptamente nos fluxos intermináveis da web, vagando de um lugar para outro sem propósito, apenas para “estar lá”. Nesse caso, o meio favorece a coincidência entre o máximo de interatividade e o apogeu da passividade: nós mesmos escolhemos nos deixar ofuscar por uma cadeia de signos que saltam continuamente de um universo para outro. Confirmamos, clicamos, traçamos nosso caminho como se estivéssemos enredados por uma hipnose a qual estamos, no entanto, consentindo.

Chegou a hora de varrer da ideia um clichê tão reiterado pelos ideólogos do ciberespaço como enganoso: “Os usuários da rede se comportam de maneira ativa... É mais

do que a era do *couch potato* estupefata diante da televisão”. Quantas vezes ouvimos essa ladainha? “Informações são escolhidas e personalizadas”. “Nossos contatos não são impostos, mas cuidadosamente selecionados”. Até que ponto estas afirmações são verdadeiras? Para perceber isso, basta acessar seu e-mail por um momento: a maioria dos e-mails que você está vendo são *spam*. Você pode eliminá-los, mas enquanto isso eles violaram sua privacidade e deram sua atenção. Seu imaginário agora vive mais do que você imagina: eles são nosso inconsciente digital (DE KERCKHOVE, 2011).

7 YOTUBE: APATIA OU INDIFERENÇA?

Visite a página do seu site de notícias favorito e clique na informação que lhe interessa. Se você tiver sorte, é acompanhado por um *banner* de publicidade; caso contrário, antes de poder visualizá-lo, você terá que esperar alguns segundos em frente a uma “janela” de publicidade. Isso acontece quando o seu esquema mental é orientado no modo “ativo e atento”. Os anúncios, então, penetram profundamente nos recessos mais profundos de sua consciência. As mensagens não podem ser contornadas pela apatia ou indiferença com que estamos acostumados a interagir com a televisão. Mude-se agora para o bazar do YouTube e procure o vídeo que o intriga. Uma vez ativado, o dispositivo subjuga você com alegria.

Links, comentários e imagens atraem você em uma espiral envolvente. Você é jogado em uma torrente audiovisual na qual seu livre-arbítrio é suspenso entre ligado e desligado. Dessa forma, a sinergia entre o pico do comportamento ativo e o pico da passividade é percebida na rede. Com uma dinâmica de participação espontânea, num equilíbrio precário entre a euforia e dependência: por um lado, somos os principais atores de sociabilidade eletrônica, e, por outro, nos tornamos presas, vamos até viver por outros e pela tecnologia. Nós convergimos em um todo orgânico do qual não somos mais que uma partícula elementar entre muitas. Uma espécie de alívio nos acaricia quando nosso dispositivo portátil captura uma rede *wi-fi* e nos conecta a ela. Não importa o que acontece, pois: “o meio é a mensagem” (McLuhan). O que importa é estar presente para ter tudo o que praticamente nos rodeia, tornando-nos um nó e uma entidade de uma grande rede, aludindo à perspectiva holística cara às filosofias orientais.

O prazer se transforma em frustração e ansiedade quando, em vez disso, não somos capazes de responder à quantidade de solicitações que recebemos, quando não podemos nos dedicar tanto quanto gostaríamos a um relacionamento *online*, ao nosso *blog* ou à página de

nossa rede social favorita. Sabemos que negligenciá-las implica reduzir nossa presença, deixando-a à mercê dos outros ou, pior ainda, quebrando o relacionamento com a tribo. É por isso que muitas vezes nos encontramos perseguindo nossas identidades eletrônicas em detrimento das necessidades psicofísicas e materiais mais rigorosas (nutrição, cuidado com relacionamentos com velhos amigos, trabalho, passear).

A ansiedade leva à angústia em situações nas quais um vírus, por exemplo, ataca nosso computador, quando os dados são perdidos da memória eletrônica ou quando a conexão com a rede falha em momentos delicados. Assim, estamos testemunhando uma passagem real - uma espécie de equação - da doença do computador à da pessoa, entre corpo e máquina. Há um sentimento de profunda debilitação que, muitas vezes transborda em crise do pânico. Nesse caso, a única salvação possível vem dos guardiões do mistério tecnomágico: os *nerds*.

Nós temos muito, como sugerido por Marshall McLuhan já nos anos 60, terceirizamos a memória e algumas funções centrais de nosso sistema nervoso central fora de nós mesmos, para nos tornarmos funcionários do sistema tecnológico que acreditamos manipular e possuir. Somente quando a conversa se rompe é que percebemos até que ponto nossas comunicações aparentemente imediatas são permitidas por uma infra-estrutura tecnológica poderosa, embora invisível (BOLTER, GRUSIN, 2003). No momento em que a máquina fica descontrolada e nos encontramos sem informações fundamentais, compreendemos a natureza da mutação que está nos investindo mais do que podemos reconhecer. Quantos de nós ainda lembramos dos números de telefone dos nossos amigos mais próximos?

8 RELAÇÃO DE FRONTEIRAS, RAPIDEZ E FACILIDADES

Por outro lado, a fronteira entre desejo e dependência mostra uma porosidade cada vez mais pronunciada na *web*. As ferramentas tecnológicas à nossa disposição facilitam e aceleram nossas comunicações - os nossos contatos - de forma muito mais confortável, vertiginosa, inebriante até, para nos manter fora do sistema, desligar o computador e não verificar o e-mail. É como se interromper nossa conexão correspondesse a amputar nossa existência, fazendo-nos afundar nos abismos primordiais da solidão. Trata-se de uma condição que favorece a liberdade, abstração e pensamento crítico, mas que, ao mesmo tempo, induz à ansiedade e à inquietação, ao medo de estar fora e ao dever de participar de ações individuais que agora parecem, de forma mais ou menos consciente, conectivas e

colaborativas. Você também está preso a uma doença psicológica quando o *wi-fi* é interrompido e verifica suas mensagens de forma compulsiva e desproporcional?

Você tem um sentimento suspenso entre a atração fatal e a rígida relutância em relação aos novos *handhelds*? Você não consegue ler três horas consecutivas sem colocar seu olhar nas telas que o cercam? Estamos todos nos tornando vítimas e perpetradores, sujeitos e objetos, de um transe coletivo que nos leva à explosão de nossa subjetividade em direção a algo maior, com contornos simultaneamente cintilantes e obscuros. Neste cenário, ansiamos e tememos a conexão da mesma maneira, sabendo que no útero da rede somos agidos tanto quanto agimos, somos possuídos pelas coisas que acreditamos possuir. Assim, a perda e o enriquecimento do Eu correspondem de maneira virtuosa e viciosa. Desligar as máquinas é inútil porque este é, agora, o mundo em que vivemos e ao qual já estamos em grande parte e inconscientemente acostumados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude das dinâmicas de aceleração e automação a partir das quais os processos de memorização são calibrados, novos horizontes de criação e recriação se abrem aos nossos horizontes. Cada um deles libera nosso corpo no exato momento em que o força a novas formas de dependência e até de idolatria (MAFFESOLI, 2012). Estamos nos desatando de velhas correntes para usar novas, que, desta vez, somos principalmente nós, até certo ponto, que escolhemos, criamos e adaptamos. Como no *ordo amoris* (SCHELER, 2008), a ordem do amor.

REFERÊNCIAS

ABRUZZESE, A. **Contro l'occidente**: analfabeti di tutto il mondo uniamoci. Milano-Roma: Bevivino Editore, 2010.

ABRUZZESE, A. **Forme estetiche e società di massa**: arte e pubblico nell'età del capitalismo. Venezia: Marsilio, 2011.

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialettica dell'illuminismo**. Torino: Einaudi, 1996.

ANDERS, G. **L'uomo è antiquato**. Torino: Bollati Boringhieri, 2003.

BATAILLE, G. **La parte maledetta**. Torino : Bollati Boringhieri, 2003.

BAUDRILLARD, J. **Il patto di lucidità o l'intelligenza del male**. Milano: Raffaello Cortina, 2006.

BOLTER, J. D.; GRUSIN, R. **Remediation**: competição e inovação tra media vecchi e nuovi, a cura di A. Marinelli. Milano: Guerini & Associati, 2003.

DE KERCKHOVE, D. L'inconscio digitale. In: BUFFARDI, A.; DE KERCKHOVE, D. **Il sapere digitale**. Pensiero ipertestuale e conoscenza connettiva. Napoli: Liguori, 2011.

FOUCAULT, M. **Microfisica del potere**. Torino: Einaudi, 1977.

MAFFESOLI, M. **Homo eroticus**: des communions émotionnelles. Paris: CNRS Éditions, 2012.

McLUHAN, M. **The Gutenberg Galaxy**: the making of typographic man. Toronto: University of Toronto Press, 1966.

McLUHAN, M. **Gli strumenti del comunicare**. Milano: Il Saggiatore, 1997.

McLUHAN, M. **Dall'occhio all'orecchio**, Roma: Armando Editore, 1982.

McLUHAN, M.; FIORE Q., M. **The medium is the MESSAGE**. Toronto: Penguin Books, 2003.

SCHELER, M. **Ordo amoris**. Brescia: Morcelliana, 2008.

SUSCA, V. **Gioia Tragica**: le forme elementari della vita elettronica. Milano: Lupetti, 2010.

SUSCA, V. **Afinidades conectivas**. Porto Alegre: Sulina, 2018.

TURKLE, S. **Alone Together**. New York: Basic Books, 2012.